

Uma ficção: o escritor Freud

Ana Paula de Ávila Pinto*

Nada possui defeito maior que um livro sem razão, como alguns que contêm coisas e são desprovidos de opiniões. Existe apenas um pequeno número de escritores originais e os melhores distinguem-se quanto menos se busca fazer uma comparação superficial. Um rasteja, outro caminha, outro manca, outro dança, outro conduz, outro ainda cavalga em direção à sua meta. Mas a meta e o caminho são comuns a todos.

Ludwig Börne

Em maio de 1934, dois dias após ter comemorado seu septuagésimo oitavo aniversário, Sigmund Freud, cansado desse gênero de festas que, segundo ele, apenas remetem à ideia da morte, confessa seu segredo mais íntimo: sempre desejou ser um escritor. Seu interlocutor-confessor é o escritor italiano Giovanni Papini (1881-1956), que havia enviado, como presente ao “patriarca da psicanálise”, uma estatueta grega em mármore representando Narciso acompanhada de uma carta em homenagem ao “descobridor do narcisismo”. Em resposta, seguiu-se imediatamente da parte de Freud um convite ao escritor para um encontro. É o essencial do diálogo travado entre esses dois homens de letras que nos conta Papini, quando em visita ao doutor vienense.

Intitulado “A Visit to Freud”, o relato de Papini, cuja veracidade é questionada, quase não é conhecido na literatura psicanalítica, ainda que autores franceses o cite de passagem¹. O texto figura na coletânea *Freud as we knew him*², tendo sido publicado primeiramente sob o título de “Two Visits”³, em 1934, no periódico britânico *Colosseum*⁴.

Qual é precisamente esse segredo freudiano? E por que confiá-lo a um estranho? De acordo com o relato de Papini, o que Freud revela nessa ocasião é o verdadeiro segredo de seu trabalho e de sua obra, segredo desconhecido de todos na época e talvez ainda hoje. Nesse encontro informal, Freud descreve resumidamente seu percurso científico, privilegiando sua relação com a literatura. Demonstra em especial seu interesse pela vida literária francesa durante sua estadia em Paris para seguir os ensinamentos de Charcot e explica em que medida o Romantismo, o Naturalismo e o Simbolismo serviram de inspiração para seus trabalhos, não deixando de reconhecer a influência dos clássicos, de Goethe, assim como as de Zola e de Hugo. Com efeito, a psicanálise seria, segundo Freud, o resultado de uma certa transposição para a ciência de um pendor literário.

Homem de letras por instinto e médico por força das circunstâncias, concebi a ideia de transformar um ramo da medicina – a psiquiatria – em literatura. Ainda que

* Doutora em literatura pela Université Paris VIII, psicóloga (UFMG), mestre em literatura (UFMG).

¹ Cf. FLEM Lydia, *La vie quotidienne de Freud et de ses patients*, Hachette/Le livre de poche, 1987, p. 167-168, assim como FLEM Lydia, *L'homme Freud*, Seuil, 1991, p. 134 e ainda o prefácio de François Ansermet a *La psychose dans le texte*, Navarin, 1989, organizado por François Ansermet, Alain Grosrichard e Charles Méla.

² RUITENBEEK Hendrik Marinus (Ed.), *Freud as we knew him*, Wayne State University Press, 1973, p. 98-102. Essa coletânea contém também, entre outros, os testemunhos de: James Putnam, André Breton, Thomas Mann, Stefan Zweig, Havelock Ellis, Joan Riviere, Anna Freud Bernays, Abraham Arden Brill, Helene Deutsch, Hanns Sachs, Paul Federn, Sándor Ferenczi, Ernest Jones, Hilda Doolittle, René Laforgue, Raymond de Saussure, Ludwig Binswanger, Martin Freud, Marie Bonaparte, Wilhelm Reich e Edoardo Weiss.

³ Uma outra visita teria sido feita por Papini ao jornalista e romancista britânico Herbert George Wells.

⁴ A referência é fornecida em *Freud as we knew him*, mas tal periódico não pôde ser consultado.

sob a aparência de cientista, fui e continuo sendo poeta e romancista: a Psicanálise não passa da transposição de uma vocação literária para o campo da psicologia e da patologia.⁵

Dizendo-se um artista por natureza e um cientista por necessidade e não por vocação, Freud aponta o terrível erro de considerar que se apegava sobretudo ao caráter científico de seu trabalho, sua meta principal sen secreta desde a infância, Freud queria tornar-se escritor e poeta; durante toda a sua vida, quis escrever romances.

Que a minha cultura seja essencialmente literária é o que prova abundantemente as citações contínuas que faço de Goethe, de Grillparzer, de Heine e de outros poetas. Minha alma, por sua constituição, é levada ao ensaio filosófico, ao paradoxo, ao dramático e não possui nada da pedante rigidez técnica característica do verdadeiro homem de ciência. Eis uma prova irrefutável: em todos os países onde a Psicanálise penetrou, ela foi melhor compreendida e aplicada por escritores e artistas que por médicos.

Constata-se efetivamente que a psicanálise foi “apropriada” por vários escritores e artistas, recebendo em geral dos médicos uma acolhida no mínimo mitigada. Sobretudo na França, a psicanálise, como teoria e como prática, foi muito bem recebida pelo meio literário, sendo que sua divulgação e seu desenvolvimento devem bastante ao interesse apresentado inicialmente pelos “homens de letras”. Interesse consignado por Freud em “*Selbstdarstellung*” (1925d[1924]) – “Um estudo autobiográfico”, acrescido de sua explicação para tal fato:

Na França, o interesse pela psicanálise partiu dos homens de letras. Para compreender isso, é preciso lembrar que, com a interpretação do sonho, a psicanálise ultrapassou os limites de um assunto puramente medical. Entre sua entrada em cena na Alemanha e agora na França, situam-se suas múltiplas aplicações aos campos da literatura e da ciência da arte, da história das religiões e da pré-história, da mitologia, da etnologia, da pedagogia, etc. Todas essas coisas têm pouco a ver com a medicina e apenas estão conectadas a ela justamente pelo intermédio da psicanálise.⁶

Decerto, a psicanálise ultrapassou os limites da ciência médica, atingindo em particular os domínios da literatura, das artes, da história, da sociologia, da filosofia e da pedagogia. Isso nos leva a uma pequena digressão. Note-se que, se o Surrealismo diz-se “herdeiro” das ideias freudianas, Freud, conservador em termos de literatura e de arte, compreendeu mal a aventura surrealista, particularmente a concepção do inconsciente sustentada por André Breton – que, aliás, era psiquiatra de formação. Freud e Breton encontraram-se em Viena em 1921 e Breton descreve suas impressões desse encontro em um burlesco artigo⁷. Uma controvérsia reúne ainda Freud e Breton em 1932 em torno dos comentários deste em *Vases communicants* sobre A

⁵ Citação extraída, assim como as seguintes, do relato de Giovanni Papini, “A Visit to Freud” [“Visita a Freud”]; tradução minha].

⁶ FREUD Sigmund, “*Selbstdarstellung*” (1925d[1924]), in *Gesammelte Werke*, S. Fischer Verlag, v. XIV, p. 88-89 [obra designada doravante, segundo o uso, *G.W.*, seguindo-se o volume em números romanos e a paginação em números arábicos]; tradução minha.

⁷ Cf. BRETON André, “Interview du Dr Freud à Vienne” (1922h), *Littérature*, nouv. série, n. 1, 1^{er} mars 1922, p. 19.

interpretação dos sonhos. Os dois trocam, então, correspondências e, da pluma de Freud, encontra-se esta pequena confissão, em carta datada de 26 de dezembro de 1932:

E agora uma confissão, que queira acolher com tolerância! Recebo testemunhos da estima que você e seus amigos têm por minhas pesquisas, mas, de minha parte, não estou em condições de formular uma ideia clara do que é e do que quer o Surrealismo de vocês. Talvez não possa em absoluto compreendê-lo, eu que sou tão distanciado da arte.⁸

Alguns anos mais tarde, Freud recebe em Londres, em companhia de Stefan Zweig, a visita de Salvador Dalí, que lhe fez um retrato em seguida. Referindo-se a essa visita, em carta a Zweig de 20 de julho de 1938, Freud reconhece que considerava os surrealistas, que o haviam escolhido como “santo padroeiro”, como “loucos absolutos (digamos a 95% como para o álcool)”, admitindo um certo interesse pelo “jovem espanhol com os olhos cândidos e fanáticos e seu inegável domínio técnico”⁹.

Voltemos ao relato de Papini. Para coroar sua confissão ao italiano, reconhecendo a parte de imaginação ou de fantasia presente em seus livros, Freud chega mesmo a precisar que seu desejo mais antigo e mais intenso era de escrever verdadeiros romances. Admite até mesmo possuir material de primeira mão que faria a alegria de alguns romancistas.

De fato, meus livros assemelham-se muito mais a obras de imaginação que a tratados de patologia. Meus estudos sobre a vida cotidiana e sobre os chistes são literatura pura e simples. Em *Totem e Tabu*, aventurei-me no romance histórico. Meu desejo mais antigo e mais tenaz seria de escrever pura e simplesmente romances, e (...) possuo um opulente material, recolhido de primeira mão, que faria a felicidade de cem romancistas! Temo, infelizmente, que agora seja tarde demais.

Não se saberá talvez nunca se tal material chegou algum dia a existir. Contudo, observa-se efetivamente que os escritos freudianos contêm muito de “literário” e ele próprio se dava conta disso. A respeito de seu ensaio sobre Leonardo da Vinci, por exemplo, Freud reconheceu que se poderia considerar que ele escreveu apenas um “romance psicanalítico”¹⁰. O primeiro esboço de *Der Mann Moses und die monotheistische Religion* (1939a[1934-38]) – *Moisés e a religião monotheísta* trazia o sugestivo título de “O homem Moisés, romance histórico” e Freud se referia a esse livro, especialmente em sua correspondência, como um romance que não lhe saía da cabeça¹¹.

É preciso notar que encontramos um outro tipo semelhante de confissão da parte de Freud, acompanhada igualmente de um pedido de confidencialidade, a Martha Bernays, em uma das cartas escritas quase cotidianamente, durante os longos anos de noivado e de distanciamento:

⁸ FREUD Sigmund, “Quatre lettres à André Breton” (1933e[1932] ; 1938b[1937]), in *Œuvres Complètes de Freud. Psychanalyse*, Presses universitaires de France, v. XIX, p. 30; carta reproduzida em apêndice a partir da segunda edição de 1955 de *Vases communicants*; o texto original em alemão permanece inédito, salvo o fac-símile do manuscrito reproduzido em 1933 e 1955.

⁹ FREUD Sigmund, *Briefe 1873-1939* (1960), S. Fischer Verlag, 1980, p. 465 [obra designada doravante *Briefe*].

¹⁰ FREUD Sigmund, *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci* (1910d), in *G. W.*, VIII, p. 207.

¹¹ Cf. carta de Freud a Arnold Zweig de 30 de setembro de 1934: FREUD Sigmund, ZWEIG Arnold, *Briefwechsel*, S. Fischer Verlag, 1980, p. 102, assim como *Briefe*, p. 436. Cf. ainda a carta de 2 de maio de 1935, também a Arnold Zweig: FREUD S., ZWEIG A., *Op. cit.*, p. 117, assim como *Briefe*, p. 439. Cf. igualmente a carta de Freud a Max Eitingon de 13 de novembro de 1934: FREUD Sigmund, EITINGON Max, *Briefwechsel 1906-1939*, Diskord, 2004, p. 886.

Tenho uma surpresa para você. Não sei quantas histórias me vêm sem cessar à cabeça das quais uma – um conto oriental – tomou recentemente uma forma bastante precisa. Você ficará surpreendida em saber que me torno consciente de uma agitação literária em mim, ao passo que inicialmente nada poderia estar mais longe de meu pensamento. Devo escrever a história ou você ficaria constrangida em ter de lê-la? Se eu a escrever será apenas para você, mas não será muito bela. E depois tenho também muito pouco tempo nesse momento. Contudo, penso que, se essa inspiração retorna, a história se escreverá sozinha. Nesse caso, eu me empenharei nisso e você rirá sozinha, sem dizer nenhuma palavra a ninguém.¹²

Submetido ou não a ondas de “agitação literária”, esse homem de letras “disfarçado” em médico soube verdadeiramente tirar proveito do germe de imaginação ou de fantasia existente nele e teria realmente conseguido traduzir a inspiração literária em teoria científica, mantendo, bem ou mal, o seu segredo guardado.

De todo modo, eu soube, mesmo que de uma maneira indireta, dominar meu destino e atingir meu sonho: permanecer sendo um homem de letras, ainda que sob a aparência de um médico. Em todos os grandes homens de ciência existe um germe de fantasia que faz germinar intuições geniais, mas nenhum propõe como eu traduzir a inspiração oferecida pelas correntes da literatura moderna em teorias científicas. Assim, a psicanálise reúne e resume, transpostas em jargão científico, as três escolas literárias mais importantes do século dezenove: Heine, Zola e Mallarmé estão reunidos em mim sob o patronato de meu velho mestre Goethe. Ninguém havia notado esse segredo aberto e eu não o teria revelado a ninguém se você não tivesse tido a excelente ideia de me oferecer uma estátua de Narciso.

Por que então revelar um segredo tão precioso a um desconhecido? Papini relata o alívio de Freud em ter como interlocutor alguém que não as pessoas habitualmente ao seu redor: membros da família, discípulos, colegas ou os obsessivos e histéricos que lhe confiavam sempre as mesmas torpitudes. Era a ocasião para Freud de, por sua vez, revelar intimidades, de render-se às virtudes da “confissão” ou algo do gênero. Dito de outro modo, Freud estaria contente em não lidar com um jornalista que iria espalhar seu segredo e pede silêncio sobre o assunto. Entretanto, justamente, Papini não era nem confessor ou padre, nem médico ou psicanalista. Não havia uma exigência de confidencialidade, não se tratava de guardar um segredo profissional ou de confessionário. O caro segredo freudiano estaria forçosamente destinado a ser divulgado.

Freud agiu intencionalmente confiando-se a alguém que não tinha interesse nenhum em guardar seu segredo? Como considerar esse ato freudiano, sabendo que Giovanni Papini, escritor polemista,

¹² Carta de Freud a Martha Bernays de 1º de abril de 1884, citada por Ernest Jones (*La vie et l'œuvre de Sigmund Freud*, Presses universitaires de France, 1992, v. III, p. 472; tradução minha). Acrescente-se que os noivos haviam brincado planejando escrever juntos um “apaixonante romance familiar” (“hochinteressanten Familienromanes”) em dois volumes: « Dalles » (*Armut*) e « Riches » (*Reichtum*) – “Pobreza” e “Riqueza” (cf. *Briefe*, p. 110).

vigoroso e polêmico, autor de poesias, ficções, críticas e panfletos políticos e religiosos, um cético convertido mais tarde ao catolicismo e que se tornou simpatizante do fascismo, fez da crítica demolidora a sua especialidade?

Um pequeno parêntese. Conhecemos a importância para Freud de interagir com um interlocutor imparcial. Particularmente em seus escritos e de uma maneira bem característica, ele imagina com frequência um tal “parceiro” neutro ou laico. Em *Die Frage der Laienanalyse* (1926e) – *A questão da análise profana*, por exemplo, cujo sub-título é justamente “Entrevistas com um homem imparcial” – « Unterredungen mit einem Unparteiischen ». É no posfácio desse livro, posfácio publicado um ano depois da primeira edição do texto, que se lê ainda uma outra confissão de Freud:

Após quarenta e um anos de atividade médica, o conhecimento que tenho de mim mesmo me diz que, enfim, nunca fui um verdadeiro médico. Tornei-me médico como consequência de um desvio forçado de meu propósito original e o triunfo de minha vida consiste em ter reencontrado, por meio de uma grande via indireta, minha orientação inicial. [...] Em minha juventude, a necessidade de compreender algo dos enigmas deste mundo, e talvez até mesmo de contribuir de algum modo para a solução deles, foi extremamente potente.¹³

Não é a única vez que Freud apresenta-se como médico por acaso. O desvio pela medicina e pela ciência não teria mudado a impulsão original e mais elementar em Freud. Teria sido sempre uma vontade irresistível de conhecer, “*eine Art von Wißbegierde*”¹⁴ – “um tipo de desejo de saber” [um desejo de instruir-se, uma curiosidade] que o teria impulsionado. Poder-se-ia dizer de uma certa necessidade ou mesmo de um imperativo?

Pois a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador – um aventureiro, se você quiser que eu traduza – com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie.¹⁵

Um *conquistador*. Freud define-se assim em carta ao amigo indispensável dos primeiros anos de trabalho, Wilhelm Fliess (1858-1928), na passagem do século XIX ao XX. Com efeito, alguns meses atrás, havia sido publicada *Die Traumdeutung* (1900a) – *A interpretação dos sonhos*, obra fundamental na qual Freud busca conquistar um novo mundo – o do inconsciente – e seduzir seu público mostrando que estamos todos submetidos às manifestações do inconsciente e que é possível observá-las com um outro olhar e analisá-las.

Certamente, tal declaração, uma espécie de confissão poética, soa um pouco romanceada. No entanto, Freud era realmente um “conquistador” – como Édipo, que tanto o inspirou na construção de suas célebres teorias – sem deixar de ser fundamentalmente um cien-

¹³ FREUD Sigmund, *Die Frage der Laienanalyse* (1926e), in *G. W.*, XIV, p. 290-291; tradução minha.

¹⁴ FREUD Sigmund, “*Selbstdarstellung*” (1925d[1924]), in *G. W.*, XIV, p. 34.

¹⁵ Carta de Freud a Wilhelm Fliess de 1º de fevereiro de 1900, in FREUD Sigmund, *Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904* (1986), S. Fischer Verlag, 1999, p. 437; MASSON Jeffrey Moussaieff (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, Imago, 1986, p. 399. Observe-se que “conquistador” está em espanhol no original.

tista consciencioso e rigoroso. Consequentemente, como que guiado por um imperativo profissional ético, era forçosamente obrigado a relatar os resultados de suas observações e investigações e até mesmo suas conclusões mais inusitadas e dolorosas, inclusive as que retirava de suas incursões em seu próprio “inferno” particular.

Freud expõe-se muito em seus textos, revelando a seus leitores não somente seus sonhos, mas também suas especulações, suas reações emocionais, suas fantasias. Ele fez uso de suas próprias produções psíquicas, as analisou e as interpretou a fim de fornecer fundamentos à suas considerações teóricas. A mencionada *Traumdeutung* é um exemplo disso, pois contém a análise de muitos sonhos de seu próprio autor. Assim, a psicanálise, campo delimitado pelos escritos pioneiros de Freud, deve bastante a seu criador e não poderia ser de outro modo. A psicanálise, a criatura, poderia ser considerada como uma autobiografia controlada e profunda, seu criador sendo ele próprio compelido a implicar-se nesse processo de criação, utilizando seu próprio psiquismo como material de investigação¹⁶. Desse modo, uma imparcialidade ideal, ou sobretudo absoluta, não encontraria espaço nem da parte do teórico, nem da parte de seu interlocutor-leitor.

Retomemos o texto de Papini. Como já mencionado, esse relato quase desconhecido nos círculos psicanalíticos é de veracidade questionada e questionável. Por que, então, conceder-lhe tanto valor? Se eu conto a história do relato de Papini, além da tentação de acreditar nele, é justamente porque tal história fornece uma pista essencial. O papel dessa história aqui, além de um procedimento retórico, justifica-se sobretudo porque ela permite, por meio de um certo desvio, delimitar melhor meu próprio objeto.

Parece muito improvável que Freud tenha realmente feito tais afirmações. De fato, a autenticidade dessas proposições não é essencial. Pouco importa se se trata de um testemunho verdadeiro ou de uma “simples ficção” – um pouco desajeitada, é preciso dizer, na pluma de Papini. Pouco importa ainda se essa visita realmente ocorreu. Papini faz Freud dizer que é um escritor. De minha parte, interesso-me pelo que Freud faz efetivamente ao escrever.

De todo modo, qual não foi minha surpresa quando, buscando verificar por todos os meios a autenticidade do relato de Papini, como uma “verdadeira” pesquisadora, ou melhor, como uma aprendiz de detetive, *Tutte le opere* de Papini me caem nas mãos. Em um dos volumes encontra-se *Il diario di Gog*¹⁷, de 1931. Traduzido em francês em 1932¹⁸, não reeditado depois, trata-se, segundo sua “Apresentação”, de uma coletânea de textos de um certo Goggins que se fazia chamar Gog desde sua juventude.

Essa “Apresentação” começa justamente com uma espécie confissão supervalorizada: “Estou com vergonha de dizer onde conheci Gog: foi em um asilo de loucos.”¹⁹. O narrador de *Gog* nos conta que frequentava tal asilo para fazer companhia a um jovem poeta dalmácio condenado à paranóia por causa de uma paixão desesperada por uma atriz “rainha das telas”. Nessas circunstâncias particulares, ele inicia conversas com Gog, descrito como alguém que, tendo vivido

¹⁶ No que diz respeito ao *Material* e ao problemático objeto da psicanálise e em particular sobre a auto-análise de Freud e a obrigação de uma passagem à escritura no “caso do começo”, cf. REY Jean-Michel, *Le matériau freudien*, Ramsay, 1987.

¹⁷ PAPINI Giovanni, *Tutte le opere*, Arnoldo Mondadori Editore, 1959 («Visita a Freud», in *Il diario di Gog*, v.VII, p. 378-382).

¹⁸ PAPINI Giovanni, *Gog*, trad. René Patris, Flammarion, 1932 («Visite à Freud»: p. 95-101).

¹⁹ PAPINI Giovanni, *Op. cit.*, p. 5; tradução minha.

²⁰ “Nenhum alienista pôde definir sua doença: um fala de síndrome psicastênica, outro de desdobramento da personalidade, outro de alienação moral; a maioria considera que ele possui distúrbios múltiplos e tão intrincados que somente permitem simulacros de tratamento, praticados às cegas.” (*Ibid.*, p. 8; tradução minha).

²¹ “Eram notas avulsas, páginas de um antigo diário e fragmentos de lembranças, misturados sem ordem, sem datas precisas, preenchidos com um inglês qualquer mas bastante fácil de decifrar.” (*Ibid.*, p. 9; tradução minha).

²² “Gog, em uma palavra, é um *monstro*, e, desse modo, reflete, exagerando-as, certas tendências modernas. Mas esse próprio exagero serve ao objetivo a que me proponho ao publicar os fragmentos de seu diário, pois, nesse aumento grotesco, descobrem-se melhor as doenças secretas (no moral) das quais a civilização atual sofre. E eu não teria publicado essas folhas se não acreditasse que seriam úteis àqueles que as lerão.” (*Ibid.*, p. 10; tradução minha).

²³ Lembre-se que o relato dessa visita teria sido publicado, juntamente com o relato da visita a Freud, em 1934, no periódico britânico *Colosseum*, sob o título de « Two Visits ».

²⁴ RECOULY Raymond, « Une visite à Freud » [1923], *Le Temps*, n. 22651, 14.08.1923, p. 4-5.

²⁵ BRETON André, “Interview du Pr Freud à Vienne” (1922b), *Littérature*, nouv. série, n. 1, 1^{er} mars 1922, p. 19.

“em aventuras”, tornou-se, “não se sabe como”, “um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, quer dizer, do planeta”. Durante alguns anos, Gog gozou de seu dinheiro, levando uma “vida de pesquisas febris, de viagens através dos continentes, de surpresas, de demências, de fugas” e vagando depois de asilo em asilo, sem que se pudesse diagnosticar seu caso²⁰. Finalmente, Gog abandona também aquele sanatório, sem deixar traços e sem recuperar um envelope de seda verde contendo folhas avulsas²¹ que havia confiado a seu interlocutor (o narrador do livro). Este último, após algum tempo, toma a decisão de traduzir o material, editá-lo e publicá-lo como “documento”, desejando intensamente que a utilidade de seu “abuso de confiança” possa ser reconhecida²².

Não se tratando de um livro de memórias, como ressaltado em sua “Apresentação”, *Il diario de Gog*, escrito em um estilo satírico, contém então os escritos de um homem louco, rico e excêntrico. Entre esses textos, encontram-se relatos de viagens diversas, descrições de experiências bizarras e de encontros extraordinários, reflexões delirantes... e narrações de visitas.

Além da visita a H. G. Wells²³, encontram-se outras visitas a Ford, a Gandhi, a Lenine, a Edison... e esta visita a Freud, logo após o relato da visita a Einstein! Assim, a surpreendente confissão de Freud não passa de uma ficção, ficção que Papini faz sair dos escritos de um louco, de um homem rico em fantasias! Curiosa *mise en abîme*: o narrador de Papini faz Gog, improvisado à sua revelia em escritor, dizer que Freud disse que era na verdade um escritor improvisado de médico ou “homem de letras por instinto e médico por força das circunstâncias”.

A história de encontros com Freud, fictícios ou não, mas sempre em um certo sentido “romanceados”, não para por aí. Totalmente por acaso, descobro, muito tempo depois, um outro artigo intitulado “Uma visita a Freud”, assinado por Raymond Recouly e publicado no jornal *Le Temps* de 14 de agosto de 1923²⁴. Teria Papini se inspirado nesse texto? A questão permanecerá sem resposta...

Em um misto de curiosidade, admiração e resistência, Recouly nos conta como pôde encontrar Freud apresentado por um célebre professor da Universidade de Viena, conselheiro de Estado. Como havia feito André Breton um ano antes, no artigo “Interview du Pr Freud à Vienne”²⁵, Recouly fornece suas impressões sobre o homem Freud e seu local de trabalho, citando trechos de seu diálogo com o psicanalista. O tom, entretanto, é totalmente diverso, pois o “pequeno velhinho sem charme, que recebe em seu pobre consultório de médico de bairro”, na pluma de Breton, é descrito por Recouly como um “médico filósofo” com um “ar de um velho rabino chegado diretamente da Palestina, o rosto emagrecido e definhado de um homem que teria passado dias e noites discutindo com seus iniciados as sutilezas da Lei, no qual se sente uma vida cerebral muito intensa e o poder de jogar com as ideias”, que recebe rodeado de seus objetos de arte em uma atmosfera “lembrando mais um museu que uma biblioteca”. E, contudo, mesmo reverenciando o “célebre inventor da psicanálise”, Recouly conclui que:

É impossível levar mais longe a sutileza e também, é preciso dizer, a fantasia.

[...]

Mas nada nos obriga a acreditar nele [em Freud]. Nada nos obriga a ver em cada um de nossos semelhantes o animal lúbrico e lascivo ao qual ele pretende, à força, aparentar-nos!²⁶

No entanto, todas essas historietas de encontros à parte, a pista do Freud homem de letras ou escritor merece ser explorada. É uma pista ou um rastro²⁷ que poderia fazer avançar questões que dizem respeito tanto à psicanálise e à literatura, em suas respectivas especificidades, quanto à fronteira ou os limites frequentemente tênues entre esses dois campos. A própria problemática das noções do literário e do ficcional está aí implicada. Trata-se então de buscar os rastros do literário em Freud, de inventar “*eine Reihe von Detektivkünsten*”²⁸ – “uma série de astúcias de detetive” – na procura de um material sem sempre evidente.

Partindo da constatação da presença do “literário” em Freud, creio que seria interessante levar ao extremo a ficção de um Freud escritor. Ora, qual é o estatuto desse literário em Freud? Além do uso que Freud faz da literatura como ilustração de suas teses, de que literatura se trata? Considerar Freud um escritor implica investigar seus procedimentos de escrita, analisar os recursos literários que ele utiliza. Da ficção de um Freud escritor, pode-se avançar em direção à escritura em Freud, ao literário ou ao ficcional em Freud.

É preciso dizer a si mesmo: “Então é preciso mesmo que a feiticeira intrometa-se.”²⁹ Entenda-se: a feiticeira metapsicologia. Sem especular nem teorizar – por pouco eu diria *fantasiar* – metapsicologicamente, não se avança aqui nem um passo.³⁰

Como ler essa afirmação freudiana? Para avançar na exploração dos enigmas humanos é preciso especular e teorizar, ou seja, imaginar, *fantasiar* (*phantasieren*), recorrer à fantasia (*Phantasie*). Não se trata justamente de nada além de histórias que se contam, que inventam, que se exploram? Histórias que produzem somente outras histórias? Ficções que se encadeiam? O que seria essa “feiticeira metapsicologia”, essa figura ficcional, essa força demoníaca, ou quase, que impulsiona Freud – impondo-lhe frequentemente desvios – a especular teorizando ou teorizar especulando, recorrendo a ficções?

Ainda sobre a história ou a ficção de um Freud que se revela escritor, isso faz pensar em uma outra história, ou melhor, uma pré-história, contada por Freud em 1920 em “Zur Vorgeschichte der analytischen Technik”³¹ (1920b) – “Sobre a pré-história da técnica analítica”. Trata-se de um artigo publicado em *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, assinado simplesmente “F”. É um pequeno texto intrigante em que Freud, falando de si mesmo na terceira pessoa, contesta a afirmação de Havelock Ellis segundo a qual a obra do

²⁶ RECOULY Raymond, *Op. cit.*, p. 5.

²⁷ Os rastros – *die Spuren* – retornam frequentemente na pluma de Freud, esse detetive do inconsciente. Cite-se uma passagem em particular: “A deformação de um texto assemelha-se a um assassinato. O difícil não é executar o ato, mas eliminar os rastros.” (FREUD Sigmund, *Der Mann Moses und die monotheistische Religion* (1939a[1934-38]), in *G. W.*, XVI, p. 144; tradução minha).

²⁸ FREUD Sigmund, “Tatbestandsdiagnostik und Psychoanalyse” (1906d), in *G. W.*, VII, p. 9.

²⁹ Citação extraída do *Fausto* de Goethe, primeira parte, cena “Cozinha de feiticeira”, verso 2365. Sobre a “feiticeira metapsicologia” em Freud e a Feiticeira do *Fausto* “intrometendo-se” nos escritos freudianos, cf. PROKHORIS Sabine, *La cuisine de la sorcière*, Aubier, 1988.

³⁰ FREUD Sigmund, “Die endliche und die unendliche Analyse” (1937d), in *G. W.*, XVI, p. 69; grifo meu; tradução minha.

³¹ FREUD Sigmund, in *G. W.*, XII, p. 309-312.

“criador da análise” deveria ser considerada como uma produção artística, seu procedimento sendo o de um artista. Contrariamente à Ellis, que cita James John Garth Wilkinson como precursor dos psicanalistas, Freud esclarece que outros haviam entrevisto anteriormente a técnica psicanalítica da associação livre: já em 1788, Schiller, em uma passagem de sua correspondência com Körner, recomenda o respeito à “livre ideia incidente”.

A “aparente originalidade” da psicanálise parece, contudo, segundo Freud, ter uma ligação particular com um pequeno ensaio de 1823, de Ludwig Börne, “A arte de tornar-se um escritor original em três dias”³². A esse respeito, Freud conta que as obras completas de Börne, um presente por seu décimo quarto aniversário, são os únicos livros que guardou de sua adolescência³³. Então, se ele não conservava uma viva lembrança desse texto em especial, era por “criptomnésia”. Com efeito, foi preciso que Sándor Ferenczi, alertado pelo Dr. Hugo Dubowitz de Budapeste, chamasse a atenção de Freud para o ensaio em questão. Ora, o procedimento descrito por Börne para tornar-se um escritor original consiste em transcrever quase que automaticamente, durante três dias, tudo o que vier à mente. O autor promete que se fica surpreso com o que se é capaz de escrever, com a única condição de se submeter ao poder da linguagem.

Segue a receita prometida.

Pegue algumas folhas de papel e escreva durante três dias consecutivos, sem falsificação nem hipocrisia, tudo o que lhe passa pela cabeça. Escreva o que pensa de si mesmo, de sua mulher, da guerra dos turcos, de Goethe, do processo criminal de Fonk, do julgamento final, de seus superiores. Passados os três dias, você ficará fora de si, maravilhado com as novas ideias inusitadas que terá tido.

Eis a arte de tornar-se um escritor original em três dias!³⁴

Com efeito, é uma interessante receita curiosamente semelhante à regra de ouro do método terapêutico da psicanálise... Aliás, as proposições de Börne coincidem muito com as de Schiller, principalmente no que diz respeito à censura e às restrições à imaginação das quais seria preciso se liberar para poder realizar bem uma obra de criação. De acordo com Schiller, o verdadeiro criador não teria vergonha e se deixaria levar por uma loucura momentânea, passageira, que o diferencia do sonhador. Segundo Börne, é o caráter que faltaria à maior parte dos escritores para se tornarem melhores do que são. Ainda de acordo com Börne, cada escritor faz o que pode para atingir sua meta³⁵. O caminho é percorrido com os meios que cada um dispõe: rastejando, caminhando, mancando, dançando, conduzindo ou ainda cavalgando.

Mancar é o que faz particularmente Freud em *Jenseits des Lustprinzips* (1920g[1919-1920]) – *Além do princípio do prazer*, oscilando entre teorizar e especular. Obra fundamental, densa e muito rica na qual Freud, seguindo as recomendações de seus predecessores mestres poetas, abandona-se à especulação. Obra na qual Freud busca avançar e, apesar de desvios, em um constante vaivém, esforça-se em atingir sua

³² BÖRNE Ludwig, « Die Kunst, in drei Tagen ein Originalschriftsteller zu werden » [1823], in *Sämtliche Schriften*, J. Melzer, 1964-1968, v. I, p. 740-743.

³³ Gerhard Fichtner informa que atualmente tais obras estão infelizmente ausentes da coleção de Freud, cf. DAVIES Keith J., FICHTNER Gerhard (Ed.-Hrsg.), *Freud's Library. A Comprehensive Catalogue – Freuds Bibliothek. Vollständiger Katalog*, The Freud Museum, Diskord, 2006, p. 22; p. 101.

³⁴ BÖRNE Ludwig, *Op. cit.*, p. 17.

³⁵ Comentando esse texto de Börne e sua relação com a escritura freudiana, Jean-François Chiantaretto considera que esse artigo é “emblemático da ausência de modelo literário – reivindicado como tal – do estilo freudiano de escritura”. Assim, segundo Chiantaretto, “Börne não fornece um modelo e sim o modelo de invalidação de qualquer modelo”. Esse autor lembra igualmente que “o estilo freudiano, o processo criador da psicanálise e a enunciação da psicanálise são indissociáveis” (CHIANTARETTO Jean-François, *L'écriture de cas chez Freud*, Anthropos, Economica, 1999, p. 65-66).

meta. Obra que termina, como consolação, com uma citação do poeta lembrando que mancar não é um pecado...

Seguindo um outro ritmo, em *Der Wahn und die Träume in W. Jensens "Gradiva"* (1907a[1906]) – *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*, utilizando a literatura para ilustrar as teses psicanalíticas, imitando o *Dichter* – o poeta-escritor, Freud segue a marcha desse mesmo *Dichter* que o havia seduzido, o herói do romance tendo sido seduzido, por sua vez, pela marcha graciosa d'“aquela que avança”.

Freud segue ainda os passos dos povos primitivos buscando analisar os mitos deles e construindo, ao mesmo tempo, outros. Além disso, pode-se ler os “romances” clínicos de um Freud que dança no compasso de seus pacientes, paralisado, por exemplo, junto com sua histórica que não pode dar o próximo passo que a conduziria em direção a seu amado cunhado recentemente viúvo. Um Freud pedagogo também, no sentido próprio do termo grego “paidagôgos”, que acompanha Hans guiando a mão do pai do menino e conduzindo a criança a abandonar sua fobia em direção à normalidade enunciada pelas teses psicanalíticas. Enfim, dá-se igualmente a ler um Freud poeta que passeia com seus camaradas de letras questionando-se e discutindo sobre a *Vergänglichkeit* – a transitoriedade – que os rodeia, sem poder se impedir de pensar sobre teoria psicanalítica e de escrever sobre isso...

Qual seria esse estranho parentesco que liga Freud ao *Dichter*, fazendo dele também um escritor? Poder-se-ia tentar esboçar alguns elementos de resposta seguindo de perto sua letra, seus escritos e explorando os meios linguageiros que Freud emprega em seu caminho para atingir sua meta. Isso já é uma outra história...

Referências bibliográficas

Obras de Sigmund Freud

(1940-52; 1968; 1987), *Gesammelte Werke*, London, Imago Publishing Company [1940-52], S. Fisher Verlag, Frankfurt am Main [seit 1960].

(1960a[1873-1939]), *Briefe 1873-1939*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag [3., korrig. Aufl., 1980].

(1968a[1927-39]), FREUD Sigmund, ZWEIG Arnold, *Briefwechsel*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag [3. Aufl., 1980].

(1985[1887-1904]), *Briefe an Wilhem Fliess 1887-1904*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag [1986; 2. Aufl., 1999]; MASSON Jeffrey Moussaieff (Ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, Rio de Janeiro, Imago [1986].

(depuis 1988), *Œuvres complètes de Freud. Psychanalyse*, Paris, Presses universitaires de France.

(2004[1906-39]), FREUD Sigmund, EITINGON Max, *Briefwechsel 1906-1939*, Tübingen, Diskord.

Outras obras consultadas

- ANSERMET François, GROSRICHARD Alain, MÉLA Charles (Dir.), *La psychose dans le texte*, Paris, Navarin, 1989.
- BÖRNE Ludwig, “Die Kunst, in drei Tagen ein Originalschriftsteller zu werden” (1823), in *Sämtliche Schriften*, Düsseldorf, J. Melzer, 1964-1968, v. 1, p. 740-743.
- BRETON André, “Interview du P^r Freud à Vienne” (1922h), *Littérature*, nouv. série, n. 1, 1^{er} mars 1922, p. 19.
- , *Les vases communicants* (1955), Paris, Gallimard, 1985.
- CHIANTARETTO Jean-François, *L’écriture de cas chez Freud*, Paris, Anthropos, Economica, 1999.
- DAVIES Keith J., FICHTNER Gerhard (Ed. – Hrsg.), *Freud’s Library. A Comprehensive Catalogue – Freuds Bibliothek. Vollständiger Katalog*, London, Tübingen, The Freud Museum, Diskord, 2006.
- FLEM Lydia, *La vie quotidienne de Freud et de ses patients*, Paris, Hachette/Le livre de poche, 1987.
- , *L’homme Freud*, Paris, Seuil, 1991.
- JONES Ernest, *La vie et l’œuvre de Sigmund Freud* (1958-69), 5^e éd., Paris, Presses universitaires de France, 1992.
- PAPINI Giovanni, “Visite à Freud”, in *Gog*, Paris, Flammarion, 1932, p. 95-101.
- , *Il diario di Gog*, in *Tutte le opere*, Arnoldo Mondadori Editore, 1959, v. VII, p. 378-382.
- , “A Visit to Freud”, in RUITENBEEK Hendrik Marinus (Ed.), *Freud as we knew him*, Detroit, Wayne State University Press, 1973, p. 98-102.
- PROKHORIS Sabine, *La cuisine de la sorcière*, Paris, Aubier, 1988.
- RECOULY Raymond, “Une visite à Freud” (1923j), *Le Temps*, n. 22651, 14.08.1923, p. 4-5.
- REY Jean-Michel, *Le matériau freudien*, Paris, Ramsay, 1987.
- RUITENBEEK Hendrik Marinus (Ed.), *Freud as we knew him*, Detroit, Wayne State University Press, 1973.